# MULHERES INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO E O CONSUMO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

**Gabriela Dutra Nicolau (dutragabrielan@hotmail.com)**

**Isabel Lopes Dos Santos Keppler (isabel.keppler@mackenzie.br)**

**PIVIC Mackenzie**

## RESUMO

Este estudo investiga a relação entre mulheres inseridas no mercado de trabalho e o consumo prejudicial de álcool, considerando as desigualdades de gênero, as responsabilidades domésticas e familiares e os impactos sobre a saúde mental sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, realizada a partir de artigos publicados entre 2000 e 2025 e localizados nas bases Google Acadêmico, BVS Psi, SciELO e Portal CAPES. Foram selecionados sete estudos, analisados qualitativamente a partir de três categorias: fatores desencadeantes do consumo prejudicial entre mulheres; particularidades de gênero relacionadas ao cuidado e à superação; e relação entre consumo de álcool e contexto laboral. Os resultados indicam que o uso abusivo de álcool está associado a fatores sociais, familiares, econômicos e culturais, como conflitos, violência, sofrimento emocional, fragilidade das redes de apoio e sobrecarga decorrente da dupla ou tripla jornada. A inserção feminina no mercado de trabalho, embora represente conquista de autonomia e participação social, não foi acompanhada pela distribuição equitativa das tarefas domésticas e de cuidado, contribuindo para a exaustão e o sofrimento psíquico. Identificou-se também que o estigma, a culpa e a falta de suporte dificultam a busca e a permanência no tratamento. Além disso, a literatura apresenta lacunas sobre as relações entre trabalho, precarização, desigualdade e consumo de álcool entre mulheres. Conclui-se que o fenômeno deve ser compreendido de forma crítica e interseccional, considerando gênero, raça, classe e condições de vida, com práticas de cuidado que fortaleçam redes de apoio, autonomia e acesso aos serviços de saúde.

**Palavras-chave:** Álcool. Mulheres. Labor.

## ABSTRACT:

This study investigates the relationship between women in the labor market and harmful alcohol consumption, considering gender inequalities, domestic and family responsibilities, and the impacts on mental health from the perspective of Historical-Cultural Psychology. This is an exploratory literature review based on articles published between 2000 and 2025 and retrieved from the Google Scholar, BVS Psi, SciELO, and CAPES Portal databases. Seven

studies were selected and qualitatively analyzed according to three categories: triggering factors for harmful alcohol consumption among women; gender-related particularities concerning caregiving and overcoming challenges; and the relationship between alcohol consumption and the work context. The results indicate that harmful alcohol use is associated with social, family, economic, and cultural factors, such as conflicts, violence, emotional distress, fragile support networks, and the overload resulting from double or triple work shifts. Although women's participation in the labor market represents an achievement in terms of autonomy and social participation, it has not been accompanied by an equitable distribution of domestic and caregiving responsibilities, contributing to exhaustion and psychological distress. It was also found that stigma, guilt, and lack of support hinder women's access to and continuity in treatment. Furthermore, the literature reveals gaps concerning the relationships between work, precarious employment, inequality, and alcohol consumption among women. It is concluded that this phenomenon should be understood from a critical and intersectional perspective, taking into account gender, race, social class, and living conditions, with care practices that strengthen support networks, autonomy, and access to health services.

**Keywords:** Alcohol. Women. Labor.

## 1. Introdução

O presente estudo é uma pesquisa de revisão sistemática para investigar e analisar na literatura científica estudos que abordem sobre consumo de álcool entre mulheres e a relação com o trabalho. A pesquisa visa, portanto, aprofundar sobre as condições que contribuem, os efeitos em suas vidas e as condições de lidar com o fenômeno, considerando as estruturas sociais do capitalismo.

Com isso, pretende-se explorar a intersecção da alta carga laboral, tanto no âmbito profissional quanto nas responsabilidades domésticas, as expectativas sociais impostas às mulheres, e as especificidades do uso nocivo entre mulheres inseridas no mercado de trabalho.

O álcool ainda carrega um estigma significativo na sociedade contemporânea, evidenciado pela dificuldade de sua classificação, tanto nas versões mais antigas quanto na Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID). Segundo Bertolote (1997), a ausência do termo "alcoolismo" nos manuais de patologia, incluindo na CID, deve-se principalmente à vulgarização e ao estigma associados a ele. Esse estigma se torna ainda mais prejudicial quando direcionado às mulheres.

O artigo ‘’Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades’’ (Lenz Cesar, 2006) traz o dado de que em relação ao local onde bebem, 90% declararam beber no

âmbito da esfera privada, tendendo a um consumo de forma mais discreta em relação aos homens. No entanto, esses dados, em geral, não consideram o contexto de mulheres que enfrentam longas jornadas de trabalho e passam a maior parte do dia fora de casa. Nesse sentido, há uma possível mudança de comportamento considerando um aumento de mulheres economicamente ativas em relação ao período do referido estudo.

Para compreender melhor essa problemática, é útil analisar a pesquisa de Moraes (2011). Em sua dissertação, a autora discute o processo de produção do alcoolismo e do alcoolista, argumentando que o alcoolismo não deve ser compreendido apenas como um problema individual, mas como um fenômeno social relacionado às condições econômicas e sociais produzidas no contexto do capitalismo. A autora destaca que as condições sociais e históricas influenciam a forma como o consumo de álcool e o alcoolismo são compreendidos e vivenciados, ressaltando a importância de considerar a historicidade do fenômeno para seu enfrentamento.

O artigo As repercussões do estigma social na busca de mulheres alcoolistas por tratamento especializado (Oliveira et al., 2019) considera que há uma dupla estigmatização da mulher que consome álcool. Primeiro, porque o uso excessivo de álcool é associado socialmente à fraqueza moral; segundo, pelo fato de a mulher estar exercendo comportamentos tipicamente masculinos, rompendo com os padrões preestabelecidos socialmente (p. 155).

Nesse contexto ainda, as mulheres frequentemente se sentem solitárias em sua jornada, pois não dispõem de uma rede de apoio quando adoecem. Esse dado contrasta com a realidade dos homens, que geralmente contam com o suporte de esposas, filhas e mães.

A Psicologia Histórico-Cultural possibilita subsídios importantes para compreensão desses fenômenos, ao propor que o alcoolismo não é apenas uma questão individual, mas também um fenômeno social que reflete os valores, normas e práticas de uma sociedade. O consumo abusivo de álcool é, portanto, um fenômeno multifacetado e complexo, envolvendo motivações emocionais, sociais, psicológicas e culturais.

Em nossa busca pelas formas de como os homens nos diferentes períodos históricos produziram e consumiram o álcool - entendido esse fenômeno como uma construção social que chamaremos momentaneamente de costume ou hábito cultural - faz-se imprescindível estudar em paralelo o modo de produção de cada período, isto é, a partir da base material sobre a qual se ergueu essa prática nesses vários períodos (Moraes, 2011, p. 70).

Dessa forma, cabe à psicologia adotar um olhar sensível para essa questão, considerando as diferentes camadas que envolvem a problemática. É essencial compreender como as relações estruturais do trabalho e do capitalismo podem levar os

indivíduos ao consumo abusivo de álcool, especialmente no que diz respeito ao recorte de gênero.

Embora o consumo abusivo de álcool seja tradicionalmente associado ao público masculino, observa-se um aumento significativo no consumo entre as mulheres. Segundo dados do IBGE, em 2019, 17% das mulheres adultas afirmaram ter consumido álcool pelo menos uma vez por semana, um aumento de 4,1 pontos percentuais em relação a 2013 (12,9%). Além disso, existem diferenças de gênero nas formas de lidar com o consumo: enquanto as mulheres se veem sozinhas quando adoecem, os homens geralmente possuem uma rede de apoio composta por esposas, mães e irmãs.

Diante da prevalência de consumo entre o sexo masculino, a maioria dos estudos volta-se para esse público, mas é preciso considerar que se trata de experiências distintas, não apenas nos efeitos químicos e sua distinção biológica, sobretudo na experiência do "beber feminino" (Silva; Lyra, 2015), que envolve distintos aspectos culturais e imaginários sociais.

Nessa mesma perspectiva, Pinheiro e Nunes (2023), a partir de uma revisão sistemática da literatura sobre o tratamento de mulheres que fazem uso de drogas, destacam a importância de compreender essa problemática considerando as especificidades relacionadas ao gênero. As autoras apontam que o tratamento dessas mulheres é atravessado por estigmas sociais, atitudes julgadoras de profissionais de saúde e familiares, além de fatores sociais que influenciam tanto as formas de uso de drogas quanto o acesso e a permanência nos serviços de tratamento. Nesse sentido, ressaltam a necessidade de um cuidado singularizado, capaz de considerar as necessidades sociais e de saúde de cada mulher, bem como as desigualdades produzidas pelas relações de gênero, raça e classe (Pinheiro; Nunes, 2023)

Com relação ao trabalho, sabe-se que o álcool pode ser utilizado como estratégia para enfrentar situações perigosas, tensas, ou como uma forma de entorpecer diante de experiências dolorosas. É importante refletir esse consumo em um contexto pós pandemia e de precarização do trabalho. Conforme sinaliza Schlindwein (2024): no mundo globalizado, sendo o trabalho constantemente precarizado ou substituído por máquinas, pessoas com ou sem trabalho podem encontrar no consumo de substâncias um meio eficaz e psicodinamicamente explicável para busca de seu equilíbrio e normalidade, ou seja, ter efeito terapêutico para dor física ou psíquica, o que pode levar ao uso e abuso e à dependência. Nesse ínterim, o sofrimento psíquico pode refletir a dinâmica do trabalho, como a busca por produtividade, ou mesmo a segurança profissional no trabalho na vida das pessoas.

A partir disso, diante do aumento do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e da escassez de estudos que investiguem a intersecção entre o consumo abusivo de

álcool, o gênero feminino e o contexto laboral, identifica-se uma lacuna na literatura. Assim, o presente estudo busca compreender essa relação, contribuindo para o entendimento das dinâmicas específicas do consumo de álcool entre mulheres trabalhadoras e suas possíveis implicações.

Dessa forma, entende-se que o consumo prejudicial do álcool em mulheres é amplamente reconhecido como um fenômeno que se manifesta principalmente no âmbito doméstico, mas há uma parcela crescente dessa população inserida no mercado de trabalho. Essas mulheres enfrentam jornadas exaustivas e, muitas vezes, após um dia de trabalho, continuam a lidar com as responsabilidades da chamada "dupla jornada" que combina o trabalho doméstico não remunerado com o trabalho remunerado. Esse cenário pode levar muitas delas a recorrer ao álcool como uma forma de aliviar a pressão emocional e social, buscando um alívio temporário para as tensões diárias.

Compreender essa dinâmica é fundamental para desenvolver estratégias de apoio e prevenção direcionadas a esse público. Além disso, é importante ressaltar a relevância do recorte de gênero, uma vez que os problemas relacionados ao uso de álcool por mulheres são atravessados por diferentes formas de preconceito e cobrança social. Silva e Lyra (2015), ao investigarem mulheres com problemas relacionados ao uso de álcool, identificaram que a dependência é vivenciada de maneira particularmente difícil pelas mulheres, estando associada ao afastamento familiar, à falta de apoio e à solidão. As autoras destacam que, diante da dependência do álcool, as mulheres podem contar menos com o apoio de seus familiares, o que contribui para o agravamento do sentimento de solidão.

Dessa forma, é evidente a necessidade de uma atenção diferenciada e de abordagens que considerem as especificidades da experiência feminina em relação ao consumo de álcool, promovendo um suporte adequado que leve em conta as realidades sociais e emocionais que essas mulheres enfrentam.

## 2. Objetivos Gerais e Específicos

### 2.1 Objetivo Geral:

Investigar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, as contribuições teórico-metodológicas para a compreensão do alcoolismo entre mulheres inseridas no mercado de trabalho e a intervenção da psicologia.

### 2.2 Objetivos Específicos:

- Esquematizar publicações dos últimos cinco anos em revistas indexadas de psicologia que discutem a mulher e o uso abusivo de álcool e a relação entre trabalho e o uso abusivo de álcool.

- Analisar como se manifesta a intersecção entre mulher, consumo abusivo de álcool e trabalho nessas publicações.

- Discutir a partir da Psicologia Histórico-Cultural as contribuições teórico-metodológicas e de intervenção e os atuais desafios para enfrentamento da problemática do uso abusivo de álcool entre mulheres inseridas no mercado de trabalho.

**3. Procedimentos Metodológicos**

A presente pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, com a finalidade de investigar a temática do alcoolismo feminino no contexto da dupla jornada de trabalho. Para tanto, foram consultados artigos indexados em periódicos nacionais. O período de abrangência foi de 2000 a 2025.

As bases de dados que foram utilizadas incluem Google Acadêmico, BVS Psi, Scielo e Portal Capes. As palavras-chave para a busca foram: (mulheres) AND (alcoolistas); (Álcool) OR (Alcoolismo) AND (trabalho) OR (trabalhadora) OR (ocupacional) AND (mulheres); (alcoolismo) OR (alcoólatras) OR (consumo de álcool) OR (alcoolistas) AND (mulheres) AND (género feminino).

Inicialmente, foram selecionados textos cujos autores pertençam às áreas de psicologia, sociologia, filosofia, enfermagem e psicologia social e psicologia sócio-histórica. Em seguida, os resumos dos textos foram analisados para verificar se estão diretamente relacionados ao tema da pesquisa, sendo descartados os que não se adequem à temática proposta.

Foram selecionados sete artigos, e os dados foram coletados e organizados em categorias de análise, a saber: 1) fatores desencadeantes que levam ao consumo abusivo entre mulheres; 2) particularidades de gênero nas condições e desafios para o cuidado e superação; 3) relação do alcoolismo com o contexto do trabalho.

Essas três categorias foram analisadas em separado, de forma qualitativa, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, buscando em um momento posterior elaborar uma síntese que permita maior compreensão da intersecção entre trabalho, mulher e consumo abusivo de álcool.

**4. Resultados e Discussões**

Os resultados desta pesquisa foram sistematizados a partir da análise dos artigos selecionados conforme os critérios metodológicos definidos previamente. A leitura completa dos estudos possibilitou a identificação de aspectos convergentes, divergentes e de elementos significativos relacionados ao tema investigado. A tabela apresentada a seguir sintetiza os principais textos analisados, destacando seus objetivos e contribuições para a compreensão do fenômeno estudado. Posteriormente, a discussão dos resultados será

organizada em três categorias temáticas, alinhadas aos objetivos da pesquisa, com o propósito de favorecer a comparação entre os estudos e a articulação dos achados com o referencial teórico adotado.

| **Título** | **Ano** | **Objetivo** | **Autores** |
|---|---|---|---|
| O Consumo Abusivo de Álcool entre Mulheres Rurais e suas Relações Familiares (TEXTO 1) | 2020 | Analisar as relações familiares de mulheres rurais em consumo abusivo de álcool, buscando compreender de que forma essas relações podem tanto fragilizar quanto proteger essas mulheres diante do alcoolismo. | **Ebling, S. B. D. et al. (2020).** |
| Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro (TEXTO 2) | 2021 | Compreender como os padrões normativos de gênero masculino e feminino influenciam o uso de drogas entre jovens das camadas médias do Rio de Janeiro, analisando fatores relacionados à iniciação, manutenção do uso e suas consequências para homens e mulheres. | **Silva, Souza e Peres (2021)** |
| Mulheres e drogas: sentidos produzidos por profissionais de um CAPS AD (TEXTO 3) | 2023 | Analisar as posições identitárias construídas pelos profissionais de um CAPS AD II para mulheres que consomem álcool e outras drogas. | **Franklin e Velôso (2023).** |
| Redes sociais significativas de mulheres com história de abuso de álcool (TEXTO 4) | 2024 | Compreender as características estruturais e as funções das redes sociais significativas de mulheres com histórico de abuso de álcool, identificando os vínculos de apoio presentes e suas contribuições para o cuidado e a recuperação da saúde. | **Borges e Schneider (2024)** |
| Gender asymmetries in a support group for alcoholic women in the city of São Paulo Brazil (TEXTO 5) | 2022 | Analisar como as assimetrias de gênero influenciam o tratamento de mulheres alcoolistas participantes dos Alcoólicos Anônimos, identificando barreiras relacionadas ao sexismo e a importância dos grupos femininos para o processo de recuperação. | **Campos, Narchi e Cavalieri (2022)** |
| Tratamento para mulheres que usam drogas: Uma crítica sob a perspectiva do feminismo decolonial (TEXTO 6) | 2023 | Realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o tratamento de mulheres usuárias de drogas, identificando lacunas na produção científica e discutindo-as a partir da perspectiva do feminismo decolonial. | **Pinheiro e Nunes (2023)** |
| Rastreamento de intoxicações nas famílias de gestantes usuárias de álcool e outras | 2024 | Compreender os contextos de vulnerabilidade para a ocorrência de intoxicações em domicílios gestantes usuárias de álcool e | **Guedes et al. (2024)** |

| | | | |
|---|---|---|---|
| drogas em uma região metropolitana do Paraná (TEXTO 7) | | outras drogas em uma região metropolitana do Paraná. | |

Tabela 1. apresentação dos artigos, elaboração própria

**4.1 – Fatores Desencadeantes que levam ao consumo abusivo em mulheres**

O consumo abusivo de álcool entre mulheres não pode ser compreendido apenas a partir de fatores individuais ou biológicos. Os estudos analisados evidenciam que essa prática está profundamente relacionada às condições sociais, familiares, econômicas e culturais nas quais as mulheres estão inseridas. Nessa perspectiva, torna-se fundamental adotar uma leitura crítica que considere as relações de gênero, raça e classe como elementos estruturantes dos processos de sofrimento e adoecimento.

De acordo com o Texto 01, um dos principais fatores desencadeantes para o consumo abusivo de álcool entre mulheres está relacionado ao convívio familiar. Os relatos apontam que conflitos domésticos, brigas constantes, experiências de violência e sofrimento emocional levam muitas mulheres a utilizarem a bebida como uma estratégia de enfrentamento ou uma "válvula de escape". O estudo demonstra que a família ocupa uma posição contraditória nesse processo: ao mesmo tempo em que pode constituir um espaço de sofrimento e vulnerabilização, também pode representar uma importante rede de apoio para o tratamento e a reabilitação. Relações familiares marcadas pela escuta, acolhimento e suporte emocional funcionam como fatores protetivos, enquanto experiências de abandono, negligência e conflitos podem intensificar o consumo abusivo de álcool. Assim, a família aparece tanto como um fator desencadeante quanto como uma possibilidade de reconstrução dos vínculos e fortalecimento do cuidado.

Ainda nessa perspectiva, o Texto 07 amplia a compreensão sobre a influência do contexto familiar e social no uso de álcool e outras drogas entre mulheres. Ao investigar famílias de gestantes usuárias de álcool e outras drogas, o estudo evidencia situações de vulnerabilidade relacionadas à ocorrência de intoxicações no ambiente doméstico, demonstrando que os riscos associados ao uso de substâncias não se restringem à pessoa que faz o consumo, mas podem repercutir sobre todo o núcleo familiar. Nesse sentido, os textos apontam que fatores relacionados às condições de cuidado, supervisão e ao próprio ambiente doméstico podem contribuir para a ocorrência de situações de risco, evidenciando a importância de considerar o contexto familiar na compreensão dos impactos relacionados ao uso de substâncias.

O estudo também reforça a necessidade de compreender a família de maneira não linear, considerando que ela pode assumir diferentes funções no processo de adoecimento e cuidado. Ao mesmo tempo em que determinadas condições familiares podem favorecer

situações de vulnerabilidade, a família também pode constituir uma importante rede de proteção e apoio. Essa compreensão dialoga diretamente com os achados apresentados no Texto 01, nos quais os conflitos familiares, a violência e o sofrimento emocional aparecem como elementos relacionados ao consumo abusivo de álcool, enquanto o acolhimento, a escuta e o suporte emocional podem favorecer processos de cuidado e reabilitação. Dessa forma, o Texto 07 contribui para ampliar a compreensão de que o consumo de álcool e outras drogas precisa ser analisado a partir das condições concretas de vida e das relações estabelecidas no contexto familiar, evitando uma perspectiva centrada exclusivamente na responsabilização individual da mulher.

Além disso, o fato de o Texto 07 abordar especificamente mulheres gestantes permite ampliar a discussão sobre as particularidades do consumo feminino, considerando as responsabilidades e expectativas sociais relacionadas à maternidade. Nesse contexto, situações de uso de álcool e outras drogas podem ser atravessadas não apenas pelo sofrimento individual, mas também pelas condições familiares, sociais e relacionais nas quais a mulher está inserida. Assim, a análise do consumo prejudicial entre mulheres exige considerar a complexidade das redes de cuidado e proteção, bem como as diferentes vulnerabilidades que podem estar presentes em seus contextos de vida.

Essa discussão permite refletir sobre a dimensão da práxis profissional em saúde mental e atenção psicossocial. Ao invés de focalizar exclusivamente o comportamento da mulher, torna-se necessário compreender as determinações sociais que produzem sofrimento e que, muitas vezes, são invisibilizadas pelos discursos moralizantes sobre o consumo prejudicial de álcool na mulher. Como apontam os estudos feministas, o consumo de álcool entre mulheres frequentemente está relacionado às sobrecargas decorrentes dos papéis sociais historicamente atribuídos ao gênero feminino, especialmente aqueles ligados ao cuidado da família, da casa e dos filhos.

O Texto 02 reforça essa compreensão ao demonstrar que muitas mulheres iniciam ou intensificam o uso de substâncias a partir de suas relações afetivas com parceiros usuários. Os dados indicam que o consumo de álcool e outras drogas pode surgir como tentativa de pertencimento, manutenção de vínculos amorosos ou adequação às expectativas dos companheiros. Em diversos casos, o uso de substâncias aparece relacionado ao desejo de agradar ou impressionar parceiros afetivos, evidenciando como as relações de gênero atravessam as trajetórias de consumo. Entretanto, observa-se uma profunda assimetria: enquanto os homens frequentemente esperam que suas parceiras cuidem deles e auxiliem na redução dos danos relacionados ao uso, as mulheres não recebem o mesmo suporte quando adoecem. Pelo contrário, são frequentemente abandonadas por parceiros e familiares, além de sofrerem maior estigmatização social.

Esse aspecto amoroso também aparece em outras pesquisas que vinculam o início ou a intensificação do uso problemático de substâncias aos sofrimentos decorrentes dos relacionamentos amorosos e da maternidade (Nóbrega; Oliveira, 2005; Sarmiento et al., 2018; Soccol et al., 2019). Nessa direção, Carvalho et al. (2018) evidenciam que as relações conjugais permeadas pelo uso de álcool podem estar associadas a situações de violência e sofrimento, especialmente no contexto das relações marcadas por desigualdades de gênero. Os autores identificaram, a partir dos relatos de mulheres com histórico de violência conjugal e envolvimento com drogas, que o consumo de álcool pelo companheiro poderia potencializar episódios de violência e conflitos conjugais. Dessa forma, rompimentos, conflitos, violência conjugal e outras experiências de sofrimento no âmbito das relações afetivas podem repercutir negativamente na saúde mental das mulheres e estar relacionados às suas experiências de uso de álcool e outras drogas.

As pesquisas analisadas demonstram que, diferentemente dos homens, muitas mulheres que fazem o uso prejudicial do álcool enfrentam seus processos de adoecimento em condições de profunda solidão. Enquanto homens costumam contar com esposas, mães, irmãs ou filhas desempenhando funções de cuidado, as mulheres frequentemente perdem suas redes de apoio quando adoecem. O abandono por parte dos companheiros e familiares aparece de forma recorrente na literatura, revelando uma desigualdade de gênero no acesso ao cuidado. Muitas mulheres procuram tratamento apenas quando o quadro já se encontra bastante agravado, não apenas em função dos efeitos do álcool, mas também devido ao peso da culpa, da vergonha e do julgamento moral que recai sobre elas. Frequentemente, a busca por ajuda ocorre na tentativa de reconstruir relações familiares rompidas, recuperar vínculos com os filhos e retomar laços afetivos fragilizados pelo processo de adoecimento.

Outro aspecto importante é apresentado pelo Texto 03, que evidencia o aumento do consumo de álcool entre mulheres durante a pandemia de Covid-19. Estudos realizados pela Fiocruz, Unicamp e UFMG apontaram que 17,1% das mulheres relataram aumento no consumo de álcool durante esse período, associando esse comportamento a sentimentos frequentes de tristeza, isolamento e sofrimento emocional. O contexto pandêmico aprofundou desigualdades já existentes, ampliando a sobrecarga de trabalho doméstico, os cuidados familiares e os impactos da solidão. Dessa forma, a pandemia não criou o sofrimento, mas potencializou vulnerabilidades que já atravessavam a vida de muitas mulheres, revelando como o consumo abusivo de álcool está intimamente relacionado às condições concretas de existência.

Ainda no Texto 03, emerge uma discussão fundamental sobre a deslegitimação do sofrimento feminino. Os profissionais entrevistados relatam que as mulheres usuárias de álcool e outras drogas apresentam histórias marcadas por intenso sofrimento, porém suas

dores frequentemente não são reconhecidas socialmente. Muitas vezes, quando expressam sofrimento emocional, são vistas como "histéricas", exageradas ou emocionalmente frágeis, fazendo com que seus pedidos de ajuda sejam minimizados. Tal realidade evidencia a permanência de discursos patriarcais que historicamente invalidam a experiência feminina e dificultam o acesso ao cuidado. O sofrimento das mulheres tende a ser naturalizado, invisibilizado ou individualizado, ocultando os determinantes sociais que o produzem.

As reflexões propostas pelo feminismo decolonial ampliam ainda mais essa análise ao demonstrar que gênero não pode ser compreendido de forma isolada. Conforme apontado no Texto 06, os marcadores de raça e classe atravessam profundamente as experiências de uso de álcool e outras drogas. Mulheres negras e pobres vivenciam formas específicas de vulnerabilidade, resultantes da articulação entre sexismo, racismo e desigualdades socioeconômicas. Além da sobrecarga de gênero, enfrentam maiores dificuldades de acesso aos serviços de saúde, maior exposição à violência, condições precárias de trabalho e processos constantes de exclusão social. A literatura evidencia que muitas políticas e modelos de tratamento ainda são construídos a partir de perspectivas universalizantes, que ignoram as particularidades das experiências femininas, negras e periféricas.

Dessa forma, a compreensão do consumo abusivo de álcool entre mulheres exige uma perspectiva interseccional que considere simultaneamente gênero, raça, classe e contexto histórico. O uso abusivo de álcool não pode ser entendido como uma escolha individual dissociada das condições materiais e simbólicas que estruturam a vida dessas mulheres. A precarização das condições de vida, a violência de gênero, o racismo estrutural, a sobrecarga dos cuidados, o abandono afetivo e a fragilidade das redes de apoio constituem elementos centrais na produção do sofrimento e do adoecimento.

Nesse sentido, a práxis profissional em Psicologia deve deslocar o foco da culpabilização individual para uma abordagem crítica, contextualizada e comprometida com a transformação social. Isso implica reconhecer as mulheres como sujeitos atravessados por múltiplas determinações sociais, valorizando suas histórias, seus contextos de vida e suas estratégias de resistência. Mais do que promover a abstinência, torna-se necessário construir práticas de cuidado que enfrentem as desigualdades de gênero, raça e classe, fortalecendo redes de apoio, promovendo autonomia e garantindo acesso a políticas públicas que possibilitem condições dignas de existência e produção de saúde.

**4.2 – Particularidades de gênero nas condições de desafios para cuidado e superação**

A análise dos estudos evidencia que as condições de cuidado e superação do consumo abusivo de álcool entre mulheres são atravessadas por especificidades biológicas, sociais e de gênero que diferenciam significativamente suas trajetórias em relação às dos

homens. Nesse sentido, compreender o alcoolismo feminino exige uma perspectiva ampliada, capaz de reconhecer que os desafios enfrentados por essas mulheres não se restringem aos efeitos da substância, mas são produzidos também pelas desigualdades de gênero presentes na sociedade.

De acordo com o Texto 01, o álcool produz impactos mais severos no organismo feminino, estando associado a complicações físicas, psicológicas e psiquiátricas que tendem a surgir de forma mais intensa quando comparadas aos homens. Entre esses agravos destacam-se violência doméstica, cirrose hepática, doenças cardiovasculares, transtornos mentais, suicídio e rompimentos familiares. Além disso, o estudo ressalta que o preconceito social em torno do alcoolismo feminino contribui para que muitas mulheres sintam vergonha, culpa, medo e baixa autoestima, dificultando o reconhecimento da dependência e retardando a busca por ajuda. Consequentemente, muitas chegam aos serviços de saúde com importantes prejuízos físicos, emocionais e sociais já instalados.

O Texto 02 complementa essa discussão ao apontar que as mulheres desenvolvem padrões problemáticos de uso de substâncias mais rapidamente que os homens, fenômeno conhecido na literatura biomédica como telescoping effect. Entretanto, os autores ressaltam que os desafios enfrentados pelas mulheres não podem ser explicados apenas por diferenças biológicas. As relações desiguais de gênero e os modelos normativos de feminilidade e masculinidade influenciam tanto o início quanto a manutenção do consumo, além de produzirem consequências sociais mais severas para as mulheres. Conforme destacam Silva, Souza e Peres (2021)**,** as usuárias são mais estigmatizadas, marginalizadas socialmente e frequentemente expostas a diferentes formas de violência de gênero.

Sob a perspectiva dos estudos de gênero, compreende-se o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais e uma forma primária de significar relações de poder. Tal compreensão auxilia a entender por que o alcoolismo feminino é frequentemente associado a julgamentos morais relacionados à maternidade, ao casamento e ao cuidado. Conforme apontado no Texto 01, quando uma mulher desenvolve dependência do álcool, ela passa a ser percebida como alguém que falhou em seu papel social de cuidadora, diferentemente do homem que faça o uso prejudicial do álcool, cujo comportamento tende a ser mais naturalizado socialmente.

Outro aspecto relevante refere-se à busca por tratamento e às redes de apoio. De acordo com o Texto 01, muitas mulheres procuram ajuda com o objetivo de reconstruir relações familiares fragilizadas pelo alcoolismo. Em contrapartida, os homens frequentemente chegam aos serviços acompanhados por esposas, mães, filhas ou irmãs. Esse dado evidencia uma profunda desigualdade na distribuição social do cuidado: enquanto os homens são amparados por mulheres quando adoecem, muitas mulheres alcoolistas enfrentam o sofrimento em condições de maior isolamento. O próprio estudo

destaca que, nos relatos das participantes, não surgiram referências significativas ao apoio de companheiros e filhos, indicando que o suporte recebido costuma partir principalmente de mães e pais.

Essa realidade também aparece no Texto 04, que discute as redes sociais significativas de mulheres com histórico de abuso de álcool. Borges e Schneider (2024) identificaram que sentimentos de culpa, vergonha, preconceito e solidão são recorrentes entre mulheres alcoolistas. As participantes relataram que a família frequentemente se distancia e que, muitas vezes, o único apoio disponível provém de amigas ou de profissionais dos serviços de saúde. As autoras destacam ainda que, enquanto homens costumam contar com uma rede de apoio formada por esposas, mães e filhos, as mulheres frequentemente precisam enfrentar o processo de adoecimento praticamente sozinhas.

Além da dificuldade para acessar os serviços, as mulheres enfrentam importantes obstáculos para permanecer em tratamento. Conforme apontado no Texto 03, muitas são as principais provedoras do lar e acumulam responsabilidades relacionadas ao trabalho remunerado, ao cuidado dos filhos e às tarefas domésticas. Essa sobrecarga faz com que frequentemente precisem escolher entre cuidar de si ou atender às demandas familiares. O estudo evidencia que a impossibilidade de comparecer aos atendimentos por falta de quem cuide dos filhos ou substitua suas funções constitui uma das principais barreiras para a continuidade do tratamento.

Paradoxalmente, os próprios serviços destinados ao acolhimento e ao cuidado podem reproduzir desigualdades de gênero. O Texto 03 evidencia que mulheres usuárias dos CAPS AD relatam experiências marcadas por comentários desrespeitosos, preconceito e discriminação. Além disso, o estudo demonstra que as mulheres constituem um grupo mais difícil de ser alcançado pelas políticas públicas devido ao caráter privado do consumo, ao preconceito social e à estigmatização que sofrem. Muitas vezes, seus sofrimentos são minimizados ou deslegitimados, reproduzindo a lógica patriarcal que historicamente silencia as experiências femininas. Franklin e Velôso (2023) ressaltam que essas mulheres possuem trajetórias marcadas por intenso sofrimento, mas suas dores frequentemente não são reconhecidas como legítimas.

As dificuldades relacionadas ao tratamento também aparecem no Texto 05, que analisa as assimetrias de gênero em grupos de Alcoólicos Anônimos. Campos, Narchi e Cavalieri (2022) identificaram que muitas mulheres não se sentem confortáveis para compartilhar experiências íntimas em grupos mistos, especialmente quando os temas envolvem violência sexual, relacionamentos abusivos, maternidade, aborto ou assédio. Os resultados demonstram que espaços exclusivamente femininos favorecem a construção de vínculos, fortalecem a identificação entre as participantes e reduzem os efeitos da

discriminação de gênero, constituindo importantes estratégias de cuidado e permanência no tratamento.

Por fim, o Texto 06 amplia essa discussão ao adotar uma perspectiva feminista decolonial. As autoras argumentam que os processos de cuidado dirigidos às mulheres usuárias de álcool e outras drogas continuam atravessados por estigmas sociais, atitudes julgadoras de profissionais e familiares e pela pouca consideração das desigualdades de gênero, raça e classe que estruturam suas experiências. Dialogando com Michel Foucault (1996), o estudo aponta que o corpo feminino foi historicamente medicalizado e submetido a mecanismos de controle e disciplinamento. Dessa forma, a mulher alcoolista passa a ser alvo de julgamentos morais por supostamente não corresponder aos ideais de maternidade, feminilidade e cuidado socialmente esperados.

Diante desse cenário, a práxis psicológica exige um posicionamento crítico frente aos processos de culpabilização e estigmatização das mulheres. Mais do que promover a abstinência, é necessário construir práticas de cuidado sensíveis às questões de gênero, capazes de reconhecer as especificidades das trajetórias femininas, fortalecer redes de apoio e enfrentar as desigualdades sociais que produzem sofrimento. Isso implica compreender que a superação do alcoolismo feminino não depende exclusivamente da vontade individual, mas também da transformação das condições sociais que sustentam relações de exclusão, abandono e violência. Assim, o cuidado em saúde mental deve estar comprometido com a promoção de autonomia, cidadania e justiça social, reconhecendo as mulheres como sujeitos de direitos e protagonistas de seus processos de recuperação.

**4.3 – Relação do alcoolismo com o contexto de trabalho**

A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho representa uma das mais importantes conquistas sociais das últimas décadas. Conforme destaca Nogueira (2010), o trabalho remunerado possibilitou às mulheres maior autonomia financeira, reconhecimento social e ampliação de sua participação nos espaços públicos. Entretanto, a conquista da igualdade no campo laboral não foi acompanhada por uma redistribuição equivalente das responsabilidades domésticas e familiares. Embora as mulheres tenham conquistado novos espaços profissionais, a elas continuam sendo atribuídas as principais funções relacionadas ao cuidado da casa, dos filhos, dos idosos e da organização da vida familiar.

Nesse contexto, Hirata (2016) argumenta que a divisão sexual do trabalho permanece estruturando as relações sociais contemporâneas. O chamado "trabalho de cuidado" continua sendo compreendido como uma responsabilidade natural das mulheres, exercido em nome do amor e do compromisso familiar, frequentemente sem remuneração, reconhecimento ou valorização social. Como resultado, muitas mulheres vivenciam uma

dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho, conciliando emprego formal, trabalho doméstico e cuidado de familiares. Tal realidade produz sobrecarga física e emocional, exaustão e sofrimento psíquico, constituindo um importante determinante social da saúde mental.

Nessa perspectiva, o consumo abusivo de álcool pode ser compreendido não apenas como uma questão individual, mas também como uma estratégia de enfrentamento diante das múltiplas exigências impostas às mulheres. O álcool frequentemente assume a função de anestesiar sofrimentos, aliviar tensões e produzir momentos temporários de alívio frente ao cansaço físico e emocional acumulado. O Texto 03 evidencia essa relação ao apontar que profissionais dos CAPS AD associam o sofrimento das mulheres que usam álcool à multiplicidade de obrigações domésticas e familiares que lhes são socialmente atribuídas. Segundo os entrevistados, as restrições impostas por essas responsabilidades produzem sofrimento significativo e constituem um dos elementos presentes nas trajetórias dessas mulheres.

Essa discussão torna-se ainda mais relevante quando observada a realidade das mulheres rurais. Conforme descrito no Texto 01, as trabalhadoras rurais iniciam suas atividades laborais desde muito jovens, acumulando simultaneamente o trabalho agrícola e as atividades domésticas. Além da participação direta na produção agrícola, no plantio, na colheita e na comercialização dos produtos, essas mulheres permanecem responsáveis pelos cuidados da casa e da família. Dessa forma, a intersecção entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo aparece de forma particularmente intensa nesse grupo social. Quando o alcoolismo se instala, seus impactos extrapolam a dimensão individual, afetando diretamente os múltiplos papéis exercidos por essas mulheres dentro e fora do ambiente doméstico. Conforme apontam Santos e Silva (2012), socialmente ainda são atribuídas às mulheres maiores responsabilidades familiares e, quando outras pessoas precisam assumir essas funções, surgem conflitos e tensões familiares. Em outras palavras, quando a mulher adoece, evidencia-se o quanto o funcionamento cotidiano da família depende do trabalho frequentemente invisível que ela realiza.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a sobrecarga de trabalho pode contribuir para o desenvolvimento do consumo abusivo de álcool, o próprio alcoolismo produz consequências importantes na esfera laboral. Conforme destacado no Texto 02, o uso abusivo de álcool está associado à perda de trabalho, faltas, conflitos interpessoais, violência, prejuízos familiares e comprometimento do desempenho ocupacional. Observa-se, portanto, um ciclo de retroalimentação: o excesso de responsabilidades pode contribuir para o sofrimento que favorece o consumo de álcool, enquanto o consumo abusivo intensifica os prejuízos nas relações de trabalho e na vida familiar.

A sobrecarga feminina também aparece como uma importante barreira para o acesso e a permanência nos serviços de tratamento. O Texto 03 demonstra que muitas mulheres encontram dificuldades para frequentar os CAPS AD porque precisam escolher entre cuidar dos filhos, trabalhar ou comparecer aos atendimentos. Frequentemente, são as únicas responsáveis pela manutenção da rotina doméstica e familiar, não dispondo de uma rede de apoio que possa substituí-las temporariamente. Enquanto os homens costumam contar com esposas, mães ou filhas que assumem funções de cuidado durante o tratamento, muitas mulheres precisam continuar exercendo suas responsabilidades mesmo em contextos de intenso sofrimento psíquico. Essa desigualdade evidencia que o acesso ao cuidado não depende apenas da existência dos serviços, mas também das condições concretas que possibilitam a permanência neles.

Essa realidade também aparece no estudo apresentado no Texto 05. Entre as trinta mulheres participantes dos grupos de Alcoólicos Anônimos, a maior parte trabalhava no setor de serviços e todas eram responsáveis pelas tarefas domésticas. O dado revela que, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho, as mulheres continuam assumindo integralmente as atividades relacionadas ao cuidado da casa. Tal situação reforça a compreensão de que a sobrecarga feminina não constitui uma experiência individual, mas uma consequência da forma como a sociedade organiza a divisão sexual do trabalho.

Entretanto, uma lacuna importante identificada na literatura diz respeito à relação entre alcoolismo feminino e trabalho. Grande parte das pesquisas associa o consumo abusivo de álcool às experiências vividas no espaço doméstico, enfatizando maternidade, relacionamentos familiares e atividades de cuidado. Embora esses fatores sejam fundamentais, observa-se menor atenção às transformações recentes da inserção feminina no mercado de trabalho e aos impactos que as exigências laborais, muitas vezes de tripla jornada, contemporâneas exercem sobre a saúde mental das mulheres. Considerando o aumento da participação feminina em diferentes setores produtivos, torna-se necessário investigar de forma mais aprofundada como jornadas extensas, precarização do trabalho, desigualdade salarial, assédio moral, tripla jornada e insegurança econômica se articulam aos processos de adoecimento relacionados ao uso de álcool.

Além disso, conforme aponta o Texto 06, qualquer análise sobre trabalho e alcoolismo feminino precisa incorporar uma perspectiva interseccional. Nem todas as mulheres experimentam o trabalho da mesma forma. Mulheres negras, pobres e periféricas historicamente estiveram inseridas no mercado de trabalho muito antes de a inserção laboral feminina ser reconhecida como conquista social. Para essas mulheres, o trabalho sempre esteve associado à sobrevivência, frequentemente em condições marcadas pela exploração, pelo racismo e pela precarização. Nesse sentido, compreender a relação entre alcoolismo e trabalho exige considerar os marcadores de gênero, raça e classe social, reconhecendo que

diferentes formas de opressão atravessam as experiências de sofrimento e adoecimento. Como argumentam as autoras do feminismo decolonial, não existe uma experiência universal de ser mulher, mas múltiplas experiências construídas a partir de contextos históricos, sociais e culturais específicos.

Diante desse cenário, a práxis psicológica demanda uma compreensão ampliada do consumo abusivo de álcool entre mulheres. Mais do que interpretar o uso da substância como uma escolha individual ou uma falha moral, torna-se necessário compreender os contextos de sobrecarga, exaustão e desigualdade que atravessam suas trajetórias. Isso implica desenvolver práticas de cuidado que considerem não apenas os efeitos do álcool, mas também as condições concretas de vida dessas mulheres, fortalecendo redes de apoio, ampliando estratégias de acolhimento e promovendo condições efetivas para que possam acessar e permanecer nos serviços de saúde.

**Considerações Finais**

A análise dos estudos evidencia que a relação entre alcoolismo feminino e trabalho não pode ser compreendida de forma dissociada das desigualdades de gênero que estruturam a sociedade. Embora a inserção das mulheres no mercado de trabalho represente uma importante conquista histórica, essa transformação não foi acompanhada por uma redistribuição equivalente das responsabilidades domésticas e de cuidado. Como resultado, muitas mulheres passaram a acumular múltiplas jornadas, conciliando trabalho remunerado, atividades domésticas e responsabilidades familiares, configurando uma realidade marcada pela sobrecarga física e emocional.

Os resultados indicam que essa multiplicidade de papéis pode constituir um importante fator de vulnerabilidade ao consumo abusivo de álcool. O sofrimento decorrente da exaustão, da falta de reconhecimento e da responsabilização quase exclusiva pelo cuidado da família pode levar algumas mulheres a utilizarem o álcool como estratégia de enfrentamento e alívio momentâneo das tensões cotidianas. Nesse sentido, o alcoolismo não deve ser compreendido apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno atravessado por condições sociais, históricas e culturais que produzem sofrimento.

A realidade das mulheres rurais evidencia essa problemática de forma ainda mais intensa, uma vez que elas acumulam atividades produtivas ligadas ao trabalho agrícola e atividades reprodutivas relacionadas ao cuidado da casa e da família desde muito jovens. Tal contexto revela como a divisão sexual do trabalho continua operando de forma desigual, tornando as mulheres responsáveis por funções indispensáveis para a manutenção da vida familiar e econômica.

Paradoxalmente, a mesma sobrecarga que pode contribuir para o desenvolvimento do consumo abusivo de álcool também dificulta o acesso e a permanência das mulheres nos

serviços de tratamento. As responsabilidades com os filhos, com a casa e, muitas vezes, com a provisão financeira da família fazem com que elas disponham de menos tempo e apoio para cuidar de si próprias. Dessa forma, os desafios enfrentados pelas mulheres não se restringem ao processo de recuperação da dependência, mas envolvem também a dificuldade de encontrar condições concretas para permanecer em tratamento.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de ampliar as discussões sobre a relação entre alcoolismo feminino e mundo do trabalho. Grande parte da literatura ainda enfatiza o espaço doméstico como cenário privilegiado para compreender o sofrimento das mulheres. Entretanto, considerando as transformações ocorridas nas últimas décadas e a crescente participação feminina no mercado de trabalho, torna-se necessário investigar de forma mais aprofundada como jornadas extensas, precarização laboral, desigualdade salarial, assédio e insegurança econômica podem influenciar os processos de adoecimento relacionados ao uso de álcool.

Dessa forma, os estudos reforçam a importância de uma perspectiva interseccional na compreensão do alcoolismo feminino. As experiências de trabalho, sofrimento e cuidado não são vividas da mesma forma por todas as mulheres, sendo atravessadas por marcadores como raça, classe social, território e condições de vida. Nesse contexto, a práxis psicológica deve assumir uma postura crítica, comprometida com a compreensão das múltiplas determinações que atravessam o consumo abusivo de álcool, promovendo práticas de cuidado que reconheçam as singularidades das mulheres e enfrentam as desigualdades sociais que contribuem para seu adoecimento.

Diante desse cenário, torna-se evidente que o enfrentamento do alcoolismo feminino exige mais do que intervenções centradas exclusivamente na abstinência ou na responsabilização individual das mulheres. Os resultados analisados demonstram que o consumo abusivo de álcool está profundamente relacionado a experiências de sobrecarga laboral, desigualdades de gênero, fragilidade das redes de apoio, estigmatização social e dificuldades de acesso ao cuidado.

Nesse sentido, torna-se fundamental a construção e o fortalecimento de políticas públicas e serviços especializados que considerem as especificidades das trajetórias femininas. A ampliação de espaços de acolhimento exclusivos para mulheres, a oferta de estratégias que possibilitem a permanência no tratamento, o fortalecimento das redes de apoio social e familiar e a implementação de práticas de cuidado sensíveis às questões de gênero, raça e classe constituem ações indispensáveis para a promoção da saúde mental dessa população. Mais do que tratar o alcoolismo, é necessário criar condições para que essas mulheres sejam reconhecidas em sua singularidade, tenham seus sofrimentos legitimados e encontrem espaços seguros para reconstruir vínculos, fortalecer sua autonomia e produzir novas possibilidades de existência. Assim, pensar o cuidado às

mulheres alcoolistas é também pensar em justiça social, equidade de gênero e garantia de direitos.

**Referências Bibliográficas:**

BERTOLOTE, J. M. Conceitos em alcoolismo. In: RAMOS, S. P.; BERTOLOTE, J. M. (Org.). Alcoolismo hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 18-31.

BORGES, Claudia Daiana; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Redes sociais significativas de mulheres com história de abuso de álcool. Nova Perspectiva Sistêmica, v. 33, n. 79, p. 69-84, 2024.

CAMPOS, Edemilson Antunes; NARCHI, Nádia Zanon; CAVALIERI, Francine Even de Sousa. Gender asymmetries in a support group for alcoholic women in the city of São Paulo, Brazil. Research, Society and Development, v. 11, n. 11, e519111134096, 2022.

CARVALHO, Milca Ramaiane da Silva et al. Interface entre a violência conjugal e o consumo de álcool pelo companheiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, supl. 5, p. 2109-2115, 2018.

CESAR, Beatriz Aceti Lenz. *Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades. Resultados preliminares.* Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 208–211, 2006.

EBLING, Sandra Beatris Diniz; SILVA, Mara Regina Santos da; FARIAS, Francisca Lucélia Ribeiro de; SANTOS, Alessandro Marques dos; OLIVEIRA, Adriane Maria Netto de; SCHEK, Gabriele. O consumo abusivo de álcool entre mulheres rurais e suas relações familiares. *Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, p. 120-131, dez. 2020.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRANKLIN, Ramonyele Gomes; VELÔSO, Thelma Maria Grisi. Mulheres e drogas: sentidos produzidos por profissionais de um CAPS AD. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 41, n. 112, p. 2801-2826, 2023.

GUEDES, Marcia Regina Jupi; CHEFFER, Maycon Hoffmann; DE OLIVEIRA, Magda Lucia Felix; RISSI, Gabrieli Patricio; WEIZEMANN, Luana Patricia; HIGARASHI, Ieda Harumi. Rastreamento de intoxicações nas famílias de gestantes usuárias de álcool e outras drogas em uma região metropolitana do Paraná. *Revista Amazônia Science & Health*, v. 12, n. 1, p. 98-114, 2024.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016.

MORAES, Renata Jacintho Siqueira. *O alcoolismo e o alcoolista no capitalismo: a Psicologia Histórico-Cultural na defesa da historicidade para o enfrentamento do problema*. 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

NÓBREGA, Maria do Perpétuo S. S.; OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 816-823, 2005.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2010.

OLIVEIRA, Aislan José de et al. As repercussões do estigma social na busca de mulheres alcoolistas por tratamento especializado. Revista UNIANDRADE, Curitiba, v. 20, n. 3, p. 149-158, 2019.

PINHEIRO, Caliandra Machado; NUNES, Mônica. Tratamento para mulheres que usam drogas: uma crítica sob a perspectiva do feminismo decolonial. Psicologia & Sociedade, v. 35, e259943, 2023.

SANTOS, Alessandro Marques dos; SILVA, Mara Regina Santos da. A experiência de cuidar da mulher alcoolista na família. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 364-371, 2012.

SARMIENTO, Yoliver Esmeralda Salcedo et al. Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. *Caderno Espaço Feminino*, v. 31, n. 2, 2018.

SCHLINDWEIN, V. de L. D. C. et al. Sofrimento psíquico, uso de drogas e trabalho. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 49, 2024.

SILVA, Maria das Graças Borges da; LYRA, Tereza Maciel. O beber feminino: socialização e solidão. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 106, p. 772-781, 2015.

SILVA, Patrícia Castro de Oliveira e; SOUZA, Cecília de Mello e; PERES, Simone Ouvinha. Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 30, n. 3, e200665, 2021.

SOCCOL, Keity Laís Siepmann et al. Motivos da recaída ao uso de drogas por mulheres na perspectiva da fenomenologia social. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 10, n. 5, p. 117-122, 2019.